



Faz de conta

Mentir é inerente ao ser humano. Fazemos isso até de forma involuntária. Estudo aponta que somos capazes de mentir 100 vezes por dia. Não que sejamos mitômanos, algumas vezes mentimos por força do hábito, sem que a consciência pese tanto no travesseiro. Responder a um "bom dia" num dia nada bom, ou dizer que "tá tudo bem", quando não está, por exemplo, são mentiras inofensivas. Não tomam ninguém por bobo. Porém, existem as nocivas, de desonestidade intelectual, que buscam nos imbecilizar. Pior é quando tentam nos incluir nesse tipo de balela à nossa revelia, como aconteceu comigo nos meus tempos de rádio.

Na época, integrando uma equipe esportiva, atuava como 'repórter de pista', transmitindo diretamente da beira do gramado. Nesses idos, as rádios inauguravam um novo sistema de transmissão, que se repete até hoje, poupando o deslocamento das equipes para os estádios, narrando as partidas dos próprios estúdios, vendo os lances pela televisão. Alguns radialistas, no entanto, teimavam em enganar o ouvinte como se estivessem transmitindo de dentro dos estádios.

Um dia de Cruzeiro e Atlético, partida que transmitíamos dos estúdios, o narrador, ao acionar a minha reportagem, para minha surpresa, anunciou que eu falava "diretamente do Mineirão".

Caramba!

Logo me veio à cabeça o adágio infalível da mentira

de perna curta. Precisava reagir sem demora ou me passaria por um fajuto. Vários ouvintes sabiam que eu não estava em Belo Horizonte naquela tarde - e até me encontrei com alguns deles antes de seguir para a emissora. Não tive outra alternativa a não ser desmentir o amigo (da onça). O dito ficou atônito, olhando pra mim, gaguejando palavras até seguir tropeçando na locução.

Não fui desleal com o colega, ele, sim, tentava sê-lo comigo. Fui educado em ouvi-lo, mas isso não poderia significar que concordasse com a sua mentira.

Minha atitude foi considerada uma "falha profissional" que deixou "constrangido, no ar", o colega de trabalho. "Era só um faz de conta".

Vai entender.

Na sequência, fui afastado da equipe. Não me importei. Naquele dia, de verdade, deixei os estúdios com o ego nas alturas. Afinal, foi como se eu tivesse abatido a mentira de goleada. Tipo 7 a 1 e sem precisar recorrer ao VAR.

Melhor foi de noite, quando pude colocar a consciência tranquila sobre o travesseiro.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



